

A problemática da angústia em Freud: movimentações no percurso da obra

The problem of anguish in Freud: movements in the course of his work

Jacqueline de Oliveira Moreira

 <https://orcid.org/0000-0003-0901-4217>

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Brasil

Carlos Roberto Drawin

 <https://orcid.org/0000-0002-3497-671X>

Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
Brasil

Resumo

O presente artigo pretende tecer uma reflexão teórica histórica e crítica acerca das movimentações da problemática da angústia no texto freudiano. Não seguimos esse fio cronológico como se pudéssemos voltar no tempo para refazer o caminho do pensamento freudiano. Não há como retornar no tempo, e, sendo assim, todo retorno a Freud é uma reconstrução que utiliza materiais estranhos ao edifício original. Assim, primeiro, teceremos algumas considerações acerca das primeiras formulações freudianas sobre a angústia. Em seguida, a ideia é expor a inter-relação entre angústia e recalque. Por fim, assinalar as modificações introduzidas por Freud em seu último esforço de teorização sobre essa problemática atravessada pelo conceito de pulsão de morte.

Palavras-chaves: Freud; angústia; recalque.

Abstract

This paper intends to weave a theoretical, historical and critical reflection on the movements of the problem of anguish in the Freudian text. We do not follow this chronological thread as if we could go back in time to retrace the path of Freudian thought. There is no way to go back in time, and therefore every return to Freud is a reconstruction using materials foreign to the original building. Thus, first, we will make some considerations about the first Freudian formulations of anguish. Next, the idea is to expose the interrelationship between anguish and repression. Finally, to point out the modifications introduced by Freud in his last theorizing effort on this problem crossed by the concept of death drive.

Keywords: Freud; anguish; repression.

O tema da angústia encontrou ampla repercussão no pensamento contemporâneo. Com o refluxo dos grandes sistemas racionalistas em meados do século XIX, emergiu o agudo sentimento da condição desamparada do ser humano. A começar por Sören Kierkegaard, autor de *O conceito de angústia*, obra de 1844 em que o filósofo dinamarquês analisa o risco da liberdade humana num mundo desprovido de sólidos referenciais teóricos. O abismo apenas vislumbrado por Kierkegaard tornou-se escancarado e ameaçador com as sucessivas catástrofes sociais e políticas do século seguinte, fazendo com que o tema da angústia ganhasse inegável relevância nas obras de pensadores como Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e em todo espectro da chamada filosofia existencial.

E a psicanálise? O tema da angústia não pode deixar de lhe concernir em profundidade. Lacan, leitor atento de Heidegger e Kierkegaard, a quem considerava psicólogo de extraordinária envergadura, bem o sabia. Em seu *Seminário 10*, sobre a angústia, ele critica essa tradição existencial com sua costumeira mordacidade, mas nem por isto a descarta, como se vê em sua indagação acerca do “estado da questão” no plano filosófico:

Os filósofos, que nos observam, no ponto a que chegamos, podem dizer a si mesmos: estarão os psicanalistas à altura do que fazemos da angústia? Existe Heidegger. Com meu trocadilho da palavra lançar [*jeter*], foi dele e de sua derrelição original que mais me aproximei (Lacan, 1962-63/2005, p. 16).

Há aqui toda uma interessante cadeia associativa: do abismo kierkegaardiano, do qual nós nos afastamos temerosos e nos aproximamos seduzidos, passando pela análise heideggeriana da condição ontológica do humano de “ser-lançado” (*Geworfenheit*) no mundo e nas situações concretas da existência, até essa “discórdia primordial” já manifesta nos primeiros meses da vida proveniente da cisão entre natureza e cultura e que será reconhecida como abertura incurável (*béance*), constitutiva da cisão do sujeito submetido à linguagem (*Spaltung / refente*) (Lacan, 1949/1966a, p. 96; Lacan, 1960-61/1992, p. 149). Afinal, a angústia se instala aí mesmo, no buraco impenetrável da insatisfação, ou na “margem em que a demanda se rasga da necessidade” (Lacan, 1960/1966b, p. 814).

Essas rápidas pinceladas acerca da problemática da angústia não têm outra função senão enfatizar a importância de inquirir na obra freudiana o que ela poderia nos trazer sobre o tema. Lacan nos adverte para não esperarmos em demasia e nos dá o exemplo de uma obra cujo título – *Inibição, sintoma e angústia* – pouco tem a nos oferecer, visto que nela não encontramos um mapa seguro sobre o assunto. Sobre esse texto freudiano, ele ironiza: “fala-se de tudo, graças a Deus, exceto da angústia” (Lacan, 1962-63/2005, p. 18). Seja como for, o termo em sua polissemia atravessa a extensa obra do fundador da psicanálise e, não nos parece esforço, vão consultá-la de modo a obter algum subsídio para pesquisas ulteriores.

Com esse intuito, este texto se divide em três partes. Na primeira, tecemos algumas considerações acerca das primeiras formulações freudianas sobre a angús-

tia. Na segunda, expomos a inter-relação entre angústia e recalque. Na terceira parte, por sua vez, procurou-se assinalar as modificações introduzidas por Freud em seu último esforço de teorização sobre essa problemática que atravessa praticamente todo o espectro de seu pensamento. Ao modo de conclusão, retomamos alguns momentos desse percurso para interrogarmos sobre o seu significado. Não é difícil para o leitor de Freud acompanhar nessa divisão o fio cronológico do desenvolvimento de sua obra: a primeira parte é baseada nos artigos iniciais, sobretudo no artigo sobre a neurose de angústia; a segunda parte situa a problemática da angústia no contexto da Primeira Tópica, cuja pedra angular é o mecanismo do recalque; e a terceira parte aborda aquilo que muda na teoria da angústia após a introdução da Segunda Tópica e da pulsão de morte, levando Freud a inverter a relação entre angústia e recalque.

Cabe aqui, todavia, uma observação metodológica. Não seguimos este fio cronológico como se pudéssemos voltar no tempo para refazer o acidentado caminho do pensamento freudiano. Não há como retornar no tempo, e, sendo assim, todo retorno a Freud é uma reconstrução que utiliza materiais estranhos ao edifício original. Lemos Freud com os olhos de quem já leu os seus comentadores, continuadores e críticos. Por isso, fizeram-se neste início algumas poucas referências a Lacan, para sinalizar o quanto nosso olhar já está marcado por leituras outras. Feita a advertência, podemos nos concentrar nos desdobramentos da obra do mestre vienense.

As primeiras formulações freudianas sobre a angústia

Freud foi um neurocientista movido pelo interesse médico e pela procura da intervenção clínica. Por isso, a concepção filosófica da angústia, que a associa à condição existencial do ser humano, lhe era estranha, visto que, para Freud, a angústia se dá, antes de tudo, como um fenômeno eminentemente corporal e de fácil apreensão sintomática: palpitações, alterações respiratórias, taquicardias, sudorese, perturbações gástricas. Havia enigmas, porém, nessa obviedade. Os sintomas são fluidos, aparecem nas mais diversas configurações clínicas, podendo ser observados na histeria, nas fobias, nas obsessões, e suas manifestações são desconcertantes para o olhar médico orientado pela anatomia patológica. Desse modo, a tarefa primeira e de caráter descritivo consiste em combater a dispersão dos sintomas, num esforço de ordenação nosológica que vá destacando uma entidade específica a partir do quadro igualmente vago da neurastenia. Trata-se de uma tarefa árdua, se considerarmos como os sintomas se misturam, interagem e se superpõem no campo obscuro das neuroses. Estas foram divididas em dois grandes grupos: as psiconeuroses de defesa, caracterizadas, como indica sua denominação, pela defesa suscitada pelo conflito psíquico, e as neuroses atuais, caracterizadas pela expressão direta de perturbações somáticas. Dentre as primeiras estavam incluídas não somente a histeria, as fobias e a neurose obsessiva, mas também

quadros psicóticos, como a confusão alucinatória e a paranoia.

No segundo grupo, basicamente constituído pelo fenômeno um tanto impreciso da neurastenia, Freud iria destacar alguns sintomas cuja composição determinaria um novo quadro clínico por ele designado como "neurose de angústia", que enfeixaria sintomas também bastante flutuantes, tais como: a irritabilidade geral, a expectativa angustiada em relação aos acontecimentos, o ataque de angústia, quase sempre acompanhado daquelas diversas perturbações corporais antes mencionadas como palpitações, taquicardias, dispneias, ondas de suor, tremores e estremecimentos, diarreias, vômitos, náuseas, vertigens, parestesias, vertigens, etc., assim como formas correlatas, como os ataques incipientes não plenamente instalados e o pavor noturno (Freud, 1895/1999j, p. 317-324).

A diversidade e a fluidez desses sintomas tornam difícil a demarcação de uma entidade clínica separada da neurastenia e das fobias. Apesar das dificuldades, ainda no nível da sintomatologia, Freud destaca a expectativa angustiada como "sintoma nuclear da neurose". Por quê? Porque neste ponto intervém um importante elemento teórico apresentado em seu artigo do ano anterior sobre o mecanismo comum das psiconeuroses de defesa: a cisão entre a representação e o afeto a ela associado, acarretando a liberação do afeto como angústia. No caso da histeria, tal cisão consistiria em enfraquecimento da "representação inconciliável" e na transposição ou conversão do afeto ou da soma de excitação para o domínio corporal; já no caso da neurose obsessiva, o afeto permanece no domínio do psíquico se vinculando a "representações não inconciliáveis" (*nicht unverträgliche Vorstellungen*) e transformando-as em representações obsessivas (Freud, 1894/1999c). Em ambos os casos, como também na fobia, a cisão é relativa, pois o afeto ainda está vinculado a uma cadeia associativa representacional: aos objetos fobogênicos, aos pensamentos obsedantes e mesmo às representações corporais para as quais o afeto é convertido. Na nova entidade nosológica designada como *neurose de angústia* não há nem conflito e nem cisão defensiva, sendo o afeto a manifestação direta da excitação somática. Nela, na neurose de angústia, não há elaboração psíquica e quando há expectativa angustiada não importa tanto a representação em jogo. O afeto é um mal-estar difuso e/ou de nítida expressão somática, porque na neurose de angústia se pode discernir algo para além das representações, ou, nas palavras de Freud, nessa neurose "um quantum de angústia livremente flutuante está presente" (Freud, 1895/1999j, p. 318). Essa quantidade pura (*Quantum Angst*) torna-se manifesta no ataque de angústia, quando então ela pode irromper subitamente na consciência sem despertar qualquer "decorso representacional" (*Vorstellungsablauf*) e pode se desencadear "sem nenhuma representação associada" (Freud, 1895/1999j, p. 319).

Após o trabalho descritivo voltado para a sintomatologia clínica, seguem-se a hipótese etiológica e os princípios necessários para a elaboração de uma teoria da neurose de angústia. Embora possa haver um intervalo prolongado entre a eti-

ologia e a produção das manifestações sintomáticas da neurose de angústia, esta, para Freud, resultaria sempre de situações concretas da vida sexual: o choque da descoberta sexual na adolescência, a abstinência, a tensão das primeiras cópulas, a ejaculação precoce, a tensão entre o declínio da potência e o incremento da libido no envelhecimento, e, sobretudo, o *coitus interruptus* como fator específico (Freud, 1895/1999j, p. 325-332). Assim, são estabelecidos vínculos causais supostamente factuais entre vicissitudes específicas da vida sexual e o desencadeamento da angústia em suas manifestações somáticas. Nada obstante, bem mais instigante é a suposição, também qualificada ambigualmente como um “importante fato”, segundo a qual a angústia presente nesse tipo de neurose resulta da “acumulação de excitação” sem a interferência de qualquer “derivação psíquica” (*Psychische Ableitung*), pois a energia liberada é caracterizada como desvio ou deflexão em relação ao domínio do psíquico (*Ablenkung vom Psychischen*) (Freud, 1895/1999j, p. 333-334). Essa concepção, também apresentada no *Manuscrito E*, provavelmente anterior ao supracitado artigo e de algum modo visualizada no diagrama sexual do *Manuscrito G*, parece sumamente interessante porque traça um percurso causal exterior ao mundo das representações por meio da contraposição entre a “tensão sexual física” da neurose de angústia e a “tensão sexual psíquica” da melancolia (Freud, 1894/1992, p. 230-231; Freud, 1895/1992, p. 242).

Ao responder às críticas de Löwenfeld à sua hipótese acerca de “uma etiologia específica e unitária de natureza sexual” para a neurose de angústia, Freud reitera, em primeiro lugar, a sua tese segundo a qual o “essencial para a compreensão da neurose de angústia” consiste em que nela “a angústia não admite uma derivação psíquica”, isto é, não podemos encontrar uma explicação psicológica para o seu desencadeamento: “a disposição para a angústia que forma o núcleo da neurose não pode ser adquirido por meio de um afeto de terror psiquicamente justificado” (Freud, 1895/1999k, p. 360). Pode-se concluir facilmente o seguinte: se a neurose não é adquirida por meio de uma experiência psíquica, descartando-se então a sua proveniência psíquica, ela somente poderia se originar do somático, e, se tal for o caso, somente algumas pessoas tornam-se neuróticas, certamente em decorrência de algum fator hereditário.

Freud, porém, em seu artigo de resposta às críticas endereçadas à sua hipótese acerca da neurose de angústia, rejeita justamente a ênfase posta por Löwenfeld na hereditariedade. Embora tenha algum papel, este deve ser minimizado com relação à causalidade sexual como “fator etiológico específico”. Numa frase algo obscura ele afirma: “Há para a neurose de angústia um fator etiológico específico o qual, em seu efeito quantitativo, pode ser substituído (*vertreten*), sem dúvida, por ocorrências nocivas banais, mas não pode ser substituído (*ersetzen*) qualitativamente” (Freud, 1895/1999k, p. 367). A frase é obscura porque nela se insinua algo estranho: a angústia sendo uma quantidade (*Quantum Angst*) não é uma quantidade qualquer, porque tem sempre origem sexual. De um ponto de vista

estritamente físico, quantidades iguais são equivalentes, isto é, uma quantidade pode ser colocada no lugar de outra, mas, nessa passagem citada, ao entrecruzar o quantitativo com o qualitativo começa a despontar algo singular na sexualidade humana, ou seja, essa se constitui como uma experiência na qual se dá uma complexa interpenetração entre o psíquico e o somático.

Essa nos parece ser uma ilação pertinente. De qualquer forma, pode-se ver como a precoce elaboração teórica freudiana, motivada por um interesse eminentemente clínico e vazado em linguagem biológica, aponta para um aspecto de grande alcance conceitual: a ideia segundo a qual a angústia é um estado afetivo sem objeto, pois os objetos estão sempre inseridos num circuito representacional. Tal ideia foi corroborada bem mais tarde, na 25ª das Conferências Introdutórias à Psicanálise, em que, embora evitando se estender em considerações acerca dos termos *angústia* (*Angst*), *medo* (*Furcht*) e *terror* (*Schreck*), Freud deixa explícita a distinção entre a angústia que “prescinde de objeto” (*sieht vom Objekt ab*) e o medo “dirigido justamente para o objeto” (*gerade auf das Objekt richtet*) (Freud, 1917/1999h, p. 410).

Certamente, tais formulações, feitas no marco da diferenciação entre neuroses atuais e psiconeuroses de defesa, ainda são vagas e bastante incipientes. Se lançarmos o olhar para o desenvolvimento posterior da metapsicologia, o foco se desloca para o campo das psiconeuroses de defesa e para o recalque como sendo seu mecanismo prototípico, enquanto as neuroses atuais, embora tenham o seu lugar conceitual mantido, são relegadas ao esquecimento. Afinal de contas, a investigação propriamente psicanalítica tomou como seu objeto o domínio psíquico e o abordou em suas diversas dimensões: a dinâmica do conflito, a economia da pulsão e a tópica dos sistemas e instâncias.

Apesar dos muitos deslocamentos teóricos ao longo de sua trajetória, o problema da angústia, como observou o editor inglês das *Obras Completas*, “ocupou Freud durante toda a sua vida” (Strachey, 1993, p. 357), e suas concepções, acerca de tão complexo problema, foram sendo reformuladas ao longo do tempo. O próprio editor, na introdução ao livro de 1926, intitulado *Inibição, sintoma e angústia*, propôs uma síntese destes deslocamentos conceituais: da primeira teoria da transformação da libido em angústia até a teoria da angústia-sinal (Strachey, 1992). Outros autores propuseram uma periodização das transformações do pensamento freudiano sobre a angústia, seja organizando-as em três tempos, como o fez André Green (1982), seja, como o fez Zeferino Rocha (2000), demarcando os diferentes contextos teórico-clínicos nos quais a angústia é relacionada com a libido, o recalque, a pulsão, o narcisismo, a realidade e pode ser caracterizada no espectro múltiplo de suas manifestações.

Conforme foi dito na advertência metodológica deste texto, a leitura aqui disposta daquelas primeiras tentativas de explicação da angústia já contém elementos de interpretação que apenas foram explicitados, e assim mesmo de modo às vezes

confuso, após desenvolvimentos teóricos muito posteriores. Como bem observa Campos (2004),

trata-se de tomar a impossibilidade de representação psíquica que caracteriza a neurose de angústia como aquilo que se inscreve como o impensado no paradigma da representação. Este impensado, por sua vez, só poderá ser elaborado a partir de uma reestruturação da metapsicologia freudiana, a qual seria anunciada apenas na assim chamada "virada" dos anos 1920 (Campos, 2004, p. 88).

Antes, porém, de chegarmos aí, devemos pensar o momento intermediário; aquele em que a angústia é repensada após a proposição do modelo do aparelho psíquico no capítulo VII da *Interpretação dos sonhos* e a introdução do conceito de pulsão sexual nos *Três ensaios*. De modo muito superficial, pode-se apresentar o primeiro esquema metapsicológico do seguinte modo: de um lado há o sistema consciente/pré-consciente, regido pelo princípio de realidade e onde se localiza o Eu, do outro, há o sistema inconsciente, regido pelo princípio de prazer e onde se localizam as pulsões sexuais. Tal separação sistêmica só pôde ser pensada a partir do mecanismo do recalque e, por isso, na parte que se segue vinculamos a questão do recalque com a problemática da angústia.

A inter-relação entre angústia e recalque

Retornemos então ao fio cronológico que nos guia. Bem conhecida é a afirmação de Freud acerca da doutrina do recalque como "o pilar fundamental sobre o qual repousa o edifício da psicanálise, justamente a sua peça essencial" (Freud, 1914/1999i, p. 54). Afinal de contas, tal doutrina é a *expressão teórica (Theoretische Ausdruck)* da resistência encontrada pelo analista em seu trabalho, uma experiência que indica a existência de processos psíquicos situados para além da intencionalidade consciente do Eu. O fenômeno da resistência pode ser rastreado com facilidade como uma força de oposição ao trabalho analítico, ensejando, deste modo, a concepção da divisão do aparelho psíquico em sistemas heterogêneos e até mesmo antagônicos.

Por que, indaga Freud, uma moção pulsional teria o recalque como destino? Para isto ela deveria produzir desprazer, mas a satisfação pulsional em si mesma sempre produziria prazer. A aparente solução para o problema consistiria em supor uma dupla pertinência tópica da pulsão: num lugar ela produziria prazer, e, em outro, desprazer. Tal solução parece compatível com a experiência clínica do conflito psíquico, embora a dificuldade teórica persista, pois o recalque só poderia ocorrer após "a nítida separação da atividade anímica consciente e inconsciente e sua essência consiste na recusa e no manter afastado (algo) do consciente" (Freud, 1915/1999f, p. 250).

Embora a atuação do recalque pareça ser descritivamente consistente, a dificuldade teórica salta aos olhos: o recalque seria simultaneamente o efeito e a

causa da divisão dos sistemas psíquicos. Tal embaraço exige outra suposição visivelmente especulativa: a distinção entre um recalque primordial (*Urverdrängung*), cuja função seria a recusa ao acesso ao consciente do representante-representação (*Vorstellungrepräsentanz*) psíquico e sua conseqüente fixação e um recalque em sentido próprio e posterior (*Nachdrängen*) e "referido às derivações psíquicas do representante recalcado" (Freud, 1915/1999f, p. 250).

Por que o recalcado primordialmente produz "derivações psíquicas" (*Psychische Abkömmlinge*)? A resposta pode ser encontrada na estranha expressão *representante-representação*. A *representação* (*Vorstellung*) foi recalçada, porém o representante (*Repräsentanz*) não se reduz à representação, porque inclui também uma *quantidade afetiva* (*Affektbetrag*). Esse "quantum", sendo da ordem do representante da pulsão, não se identifica com esta ou aquela representação, circula em diferentes percursos representacionais compondo as derivações psíquicas do recalcado primordial. A quantidade afetiva difere do afeto efetivamente vivido em suas diferentes modalidades, como raiva, tristeza, ciúme e, mesmo, angústia enquanto uma vivência determinada. O quantum, enquanto angústia entendida genericamente, não é apenas uma vivência psicológica e nem simplesmente uma manifestação somática, porque pode ser teoricamente concebida como condição de possibilidade do trabalho psíquico.

Aqui o objetivo não é outro senão assinalar como Freud, partindo de uma perspectiva estritamente biomédica, contribuiu para uma teoria da angústia bastante complexa e de grande envergadura. Na assim chamada primeira tópica, a angústia resulta da separação entre a ideia ou representante-representação e a quantidade de afeto, e cada um dos representantes pulsionais segue um caminho diferente. O destino da representante-representação da pulsão será o de desaparecer da consciência e o destino do quantum (*Affektbetrag*) será o de manifestar-se como um afeto (*Affekt*) dotado de coloração qualitativa ou de transformar-se em angústia. Todavia, qual seria a diferença entre essas "duas possibilidades de transposição das energias psíquicas das pulsões"? Por que Freud as distingue destacando no destino da pulsão o caso "inteiramente especial" (*ganz besonders*) da angústia? Esta não seria também o afeto como os outros? (Freud, 1915/1999f, p. 256).

A resposta, já anteriormente apontada, seria que a angústia pode tornar-se um afeto, ganhando uma coloração qualitativa, mas jamais pode se converter inteiramente em afeto, porque permanece circulando livremente na cadeia das representações e em seu estatuto de energia livre não é propriamente sentida. Por quê? Laplanche (1987), em suas extensas e interessantíssimas elaborações sobre o tema, responde:

o afeto não seria verdadeiramente recalcado, no sentido dessa mudança de lugar, desse deslocamento tópico de um sistema para outro, que é o destino da "representação". Quanto ao afeto não se deveria falar verdadeiramente de recalque, mas de repressão (*Unterdrückung*)... o afeto, reprimido, seria reduzido a seu mínimo,

“comprimido, reduzido a rudimentos a germes” (Laplanche, 1987, p. 67).

No entanto, enfatiza Laplanche (1987), se “‘nada se perde’ na energia psíquica”, teríamos de buscar

outro tipo de solução mais propriamente econômica, no sentido de que não postula uma modificação da quantidade total da energia psíquica, do “quantum de afeto”. A solução seria a seguinte: o processo de recalque tem sobre o afeto a consequência de reduzi-lo ao seu aspecto menos especificado, aspecto em que ele se apresenta como energia pura, espécie de moeda circulante que ora se apresenta, ora por outra de suas duas faces indissolivelmente solidárias: libido/angústia (Laplanche, 1987, p. 67).

A longa citação do psicanalista francês se justifica pela engenhosidade de sua hipótese sobre a energia psíquica como uma “moeda circulante” de duas faces que se intercambiam em função de diferentes montagens fantasmáticas. Ela nos ajuda a compreender porque a angústia não pode ser inteiramente identificada com uma vivência psicológica comum, com um afeto entre outros afetos e nem pode ser reduzida a uma manifestação puramente somática. Também nos ajuda a compreender a inter-relação entre angústia e sexualidade e, desse modo, nos permite reconhecer o caráter antropológico, isto é, especificamente humano, da angústia. Por outro lado, Laplanche (1992) enceta uma crítica severa da distinção, proposta, entre outros, por André Green, entre um primeiro nível da investigação psicanalítica, representado pelo inconsciente estruturado e inserido no campo da sexualidade, e um segundo nível investigativo mais profundo “que leva à descoberta da pulsão de morte e à promoção de um Id vinculado a esta pulsão de morte” (p. 181-182). Ele pretende reconduzir a pulsão de morte ao campo da sexualidade mostrando como a “viragem” freudiana de 1919 não endossa a distinção anterior, e sim aquela que existe entre a “sexualidade de objeto e narcísica” e a “sexualidade deslizada e demoníaca” (Laplanche, 1992, p. 181-182). Afinal, “a pulsão de morte não tem energia própria. Sua energia é a libido. Ou melhor, a pulsão de morte é o princípio constitutivo, a própria alma da circulação libidinal” (Laplanche, 1985, p. 127).

Não cabe discutir aqui esta interpretação algo polêmica de Laplanche. Caso isso fosse feito, correr-se-ia o risco de simplificar em demasia esta hipótese hermenêutica bastante instigante e feita por um profundo conhecedor do texto freudiano. A ideia de uma “sexualidade demoníaca”, caracterizada pelo desligamento da libido como energia da pulsão sexual, já aponta em direção ao “para além” com relação à sexualidade erótica caracterizada pela ligação libidinal. Contudo, preservar a noção de pulsão de morte é um passo essencial para sustentarmos o “para além” da sexualidade e de toda a tessitura de representações constitutivas do psiquismo e, enquanto tal, é uma exigência para a concepção radical da existência humana como existência finita.

A angústia seria a atestação do impossível habitando todas as nossas ações, do impensável a desconcertar todos os nossos pensamentos, do excesso a subverter todas as nossas medidas? Mesmo quando não vivenciada como um conjunto de sintomas, a angústia sinaliza esta disposição, este "estado de ânimo" ontológico (*Stimmung*) do humano e, portanto, ela pode e deve ser considerada como condição de possibilidade do recalque e de toda a estruturação inconsciente. Ou seja, a angústia encontra-se tanto antes quanto depois do recalque.

Freud deu conta de todos estes desdobramentos teóricos? Sim e não. A simples formulação da ideia segundo a qual o afeto não pode ser recalcado já indica o desafio posto pelo problema da angústia. Não é suficiente indicar, conforme mostra a citação de Laplanche feita anteriormente, os seus percursos diferentes em relação àqueles da representação, como a repressão ou a supressão, a modificação qualitativa ou sua permanência parcial ou total. Mesmo porque, essas alternativas não foram suficientemente explicitadas. Como observou Laplanche, não nos parece viável do ponto de vista econômico a supressão ou a repressão do afeto; e se ele se transforma em angústia ou permanece como antes qual seria a função do recalque? Freud (1915/1999f) explicita essa dificuldade ao sublinhar que

o destino do quantum de afeto (*Affektbetrag*) do representante (*Repräsentanz*) é bem mais importante do que o da representação (*Vorstellung*) e que este é decisivo sobre a avaliação do processo de recalque. Assim podemos dizer de um recalque não conseguir impedir o nascimento de sensações de desprazer ou angústia, que ele fracassou, mesmo se ele alcançou a sua finalidade quanto ao componente representação (Freud, 1915/1999f, p. 256).

Certamente, o fracasso do recalque é inevitável e pode ser atestado pela formação dos sintomas e, por conseguinte, tem de ser continuamente reiterado. Este caráter recalcitrante da angústia mostra o vazio incontornável em torno do qual se forma o tecido das representações psíquicas. Nada obstante, o fracasso também é produtivo e o é na medida de sua ocorrência irremediável e da consequente reiteração do recalque, porque não apenas os sintomas persistem, mas toda a constelação de formações do inconsciente emerge deste processo. Produzimos lapsos e chistes, devaneios e sonhos e também os sintomas, quando não excessivamente destrutivos, enriquecem a força criativa humana. A persistência da angústia, seja na forma de manifestações psíquicas e somáticas bem perceptíveis, seja na forma do mal-estar inespecífico, vago e irremediável, sempre brotando da nossa experiência do mundo, parece testemunhar a impossibilidade e a inconveniência da "saúde perfeita", entendida como perfeita integração na realidade que nos é dada para viver. Não sendo simplesmente um resto do recalque, a testemunhar o seu fracasso, a angústia sinaliza para uma vida autenticamente humana.

A angústia à luz da pulsão de morte

Freud procurou dar conta do lado positivo da angústia, ou seja, não apenas considerando-a como o resto patológico e não eliminável produzido pelo recalque, mas também procurando introduzir algumas distinções terminológicas e conceituais e acentuar a diferença entre uma pessoa neurótica e outra apenas angustiada, e com este intuito opõe a *angústia neurótica (neurotische Angst)* à *angústia realista (Realangst)*. Sobre esta última, afirma tratar-se de “algo muito racional e compreensível”, pois seria uma “reação diante da percepção de um perigo externo, isto é, de um dano esperado, previsto”, e, por conseguinte, “pode-se vê-la como manifestação da pulsão de autoconservação” (Freud, 1917/1999h, p. 408). Esse caráter funcional e adaptativo da angústia, concebida como um instrumento do Eu em seu esforço de adaptação e enfrentamento dos perigos da vida, será posteriormente retomado e traduz o lado positivo e não desorganizador da angústia.

Mesmo nessa perspectiva funcional e otimista, Freud (1917/1999h) logo introduz uma advertência: “deve-se dizer, por meio de uma reflexão mais ampla, que o juízo acerca do caráter racional e adequado da angústia realista necessita de uma profunda revisão” (p. 409). Isto porque se, por um lado, a angústia pode preparar o indivíduo para o perigo (*Angstbereitschaft*), aguçando a atenção sensorial e a tensão motriz exigidas para a defesa, a angústia tende a ultrapassar este limiar adaptativo numa espécie de desenvolvimento descontrolado e francamente inadequado (*Angstentwicklung*). Pensada à luz da oposição entre Eu e Libido, a angústia é colocada a serviço do Eu: “o seu desenvolvimento é a reação do Eu frente ao perigo e o sinal (*Signal*) para o início da fuga” (Freud, 1917/1999h, p. 420). A frase indica certa ambiguidade: algo da angústia pode ser colocado a serviço do Eu como sinal; não obstante, a reação egóica suscita o seu desenvolvimento descontrolado (*Angstentwicklung*). Isto porque, nessa época, Freud já havia introduzido a problemática do narcisismo, e a premissa da oposição entre Eu e Libido já não se sustentava tão facilmente. O Eu já não possuía um domínio realista dos perigos externos e não tinha meios seguros de se defender dos perigos internos, da invasão das moções pulsionais produtoras de angústia (*Triebangst*). Apesar destas advertências, Freud oscila e procura explorar, no contexto da segunda tópica, as relações da angústia com o Eu. Este inibe ou desvia, isto é, recalca o investimento pulsional proveniente do Isso, sendo este mecanismo desencadeado por sua capacidade de captar, graças ao sistema percepção-consciência, um sinal de desprazer. Ou seja, a impotência do Eu frente ao Isso pode ser compensada pela onipotência do princípio de prazer (Freud, 1926/1999g).

Freud então pergunta pela proveniência da energia necessária para a produção deste sinal de desprazer. Para responder, propõe certa modificação em sua teoria anterior da angústia modificando a relação da angústia com o Eu. A angústia provém do recalque, da retirada de investimento do representante da pulsão, pro-

duzindo a liberação de angústia. Até aí a concepção anterior parece estar mantida, porém o texto freudiano é obscuro e reconhece que o problema do surgimento da angústia a partir do recalque não é simples. Apesar disso, logo assume como legítima a afirmação segundo a qual

o Eu é o autêntico sítio da angústia (*Angststätte*), e rechaçar a concepção anterior de que a energia de investimento da moção recalçada é transformada automaticamente em angústia. Se antes eu me expressei assim alguma vez, eu dei então uma descrição fenomenológica, não uma exposição metapsicológica (Freud, 1926/1999g, p. 120).

Essa explicação, pouco esclarecedora, nos leva a crer que a *descrição fenomenológica* se refere à observação clínica da angústia como uma energia circulante, invasiva e não vinculada a uma configuração representacional específica, enquanto a *exposição metapsicológica* se refere à explicitação da localização conceitual da angústia no Eu. Por que, no entanto, indaga Freud, a retirada de energia da representação recalçada produziria desprazer quando apenas um acréscimo de energia seria capaz de fazê-lo? Essa dificuldade de ordem econômica e aparentemente estranha parece estar levando em consideração a estabilidade da quantidade total de energia no sistema psíquico e, desse modo, se não há entrada de uma nova quantidade, não há também aumento do desprazer. O postulado freudiano do princípio de constância o leva a deixar de lado a explicação econômica para o aumento do desprazer e a se socorrer de um elemento arcaico, por ele associado à região limítrofe da fisiologia. Para ele,

os estados afetivos são incorporados na vida anímica como sedimentos muito antigos de vivências traumáticas e em situações semelhantes são despertados como símbolos mnêmicos (...) no homem e em criaturas a ele aparentadas o ato de nascimento enquanto primeira vivência individual de angústia parece ter emprestado traços característicos à expressão do afeto de angústia (Freud, 1926/1999g, p. 120-121).

A angústia, portanto, não pode ser explicada apenas por meio de uma abordagem econômica, mas deve ser pensada a partir de uma exterioridade, de um "além" relacionado a vivências traumáticas arcaicas e dos recalques originários (*Urverdrängungen*) por elas pressupostos. As vivências traumáticas, porém, nem sempre estão vinculadas ao ato de nascimento, e aqui Freud começa a introduzir um elemento fundamental: o perigo representado pela castração.

Duas consequências podem ser derivadas destas considerações. A primeira diz respeito à mudança na teoria da angústia em relação ao recalque. Como argumenta Freud ao tecer algumas considerações sobre o *Homem dos Lobos* e, sobretudo, após retomar extensamente o caso do *Pequeno Hans*:

como nos dois casos o motor do recalque é a angústia de castração... o afeto-angústia da fobia (...) não provém do processo de recalque dos investimentos libidinais das moções recalçadas, mas sim a partir

do próprio recalcante (*Verdrängenden*) (...). Aqui, a angústia produz o recalque e não, como eu antes opinava, o recalque a angústia (Freud, 1926/1999g, p. 137).

A “transposição direta da libido em angústia” continua como uma correta descrição do processo, no entanto, “a angústia das zoofobias é a angústia de castração (*Kastrationsangst*) do Eu” (Freud, 1926/1999g, p. 137-138). Apesar da interpretação factual da castração como uma ameaça efetiva, um perigo real a suscitar uma *angústia realista* (*Realangst*), pode-se discernir com certa facilidade que a angústia, em sua nova posição em relação ao recalque, pressupõe certa anterioridade e remete a uma história arcaica, como certas analogias com a mitologia parecem indicar.

A segunda consequência, já antecipada quando antes abordamos os escritos iniciais sobre a neurose de angústia, diz respeito a uma interpretação não reducionista ou, se quisermos, não de tipo fisicalista, do *quantum de afeto*. A quantidade não é tão somente uma excitação somática, porque remete ao “além do psíquico” não como corpo biológico, mas como condição específica e essencial do humano. Sublinhar tal aspecto não é irrelevante porque implica reconhecer que apenas os seres humanos podem experimentar a angústia. Os animais vivenciam apenas o medo com os seus correlatos somáticos; por conseguinte, a angústia não pode ser compreendida num plano exclusiva ou primordialmente biológico. Ela nos traz a exterioridade radicada na mais funda interioridade, a estranheza a nos espreitar continuamente em nossa familiaridade mais íntima e quotidiana. Essa estranheza (*Unheimliche*), íntima e secreta, caseira e nativa (*Heimliche-Heimische*), e, por isso, tão enigmática ao testemunhar o tempo remoto da individualidade e a época arcaica da humanidade (Freud, 1919/1999b). Tempos e épocas aparentemente superados pelo esclarecimento racional e pelo avanço da civilização que se obstinam em retornar e nos assombrar com sua efetividade. A teoria freudiana da angústia está estreitamente vinculada à sua teoria crítica da cultura e, em especial, à versão iluminista do progresso histórico.

Na 32ª Conferência, publicada em 1933, Freud retoma o tema da angústia, resumindo a sua contribuição de 1917 na primeira série de conferências, e o situa no contexto de sua nova tópica e de sua reformulação da teoria pulsional. Ele re-apresenta a gênese de diversos tipos de angústia: não só a angústia de castração como um dos motivos desencadeadores do recalque, mas também diversas situações consideradas como de perigo real (*Reale Gefahr*), tendo como acontecimento arquetípico a “vivência de angústia do nascimento” e seus desdobramentos correspondentes a cada idade do desenvolvimento:

o perigo do desamparo psíquico adequado ao estágio da imaturidade precoce do Eu; o perigo da perda do objeto [de amor adequado] à dependência dos primeiros anos da infância, o perigo da castração da fase fálica e, finalmente, a angústia frente ao Supereu que conquista uma posição especial no tempo de latência (Freud, 1933/1999a, p. 94-95).

Qual é, questiona Freud, o estatuto de realidade destes perigos reais? A castração seria uma ameaça efetiva? Para responder, Freud (1933/1999a) recorre à hipótese filogenética: “conjecturamos que em épocas primitivas a família humana era efetivamente consumada pelo pai ciumento e cruel...” (p. 93). Desse modo, a “angústia realista” (*Realangst*), “a angústia diante determinadas situações externa de perigo”, só pode ser compreendida em todo o seu alcance à luz “de um fator traumático” (Freud, 1933/1999a, p. 99-100). Este, por sua vez, só pode ser compreendido com o recurso de “nossa mitologia”, isto é, da teoria das pulsões, estes “seres míticos, grandiosos em sua indeterminação” (Freud, 1933/1999a, p. 101).

Por que “mitologia”? Porque são pressuposições que fazem fronteira com a biologia especulativa. Freud (1933/1999a) bem o sabia e, ao estabelecer a mudança da agressão voltada para o exterior em autodestruição, ele parece dar um salto argumentativo e se dizer autorizado a conceber esta autodestruição “como expressão de uma pulsão de morte” e, logo em seguida, numa espécie de giro retórico, ele assume a surpresa dos supostos ouvintes de sua conferência: “Isto não é ciência da natureza, isto é filosofia schopenhauriana” (p. 114).

O laborioso trabalho científico comprovaria a intuição do filósofo? Certamente as teses anteriormente apresentadas não estão bem formuladas e claramente argumentadas no texto freudiano. Bem ao contrário, o autor sabe das dificuldades e incongruências de sua teoria e nem por isso renuncia a continuar na trilha de uma investigação estritamente psicanalítica, sem ceder às tentações de completude e consistência lógica oferecidas pelas “visões de mundo” e pela filosofia. Desde-nha dos “guias de vida” e insiste em “nosso pequeno trabalho, limitado e míope”, convidando-nos a seguir pelo caminho estreito e sem o consolo da filosofia: “quando o caminhante canta na escuridão, ele desmente o estado de angústia, mas nem por isso ele vê mais claro” (Freud, 1926/1999g, p. 123). Seja como for, comentadores como Laplanche ou Rocha apontaram a dificuldade. O primeiro recusando a distinção entre a *angústia realista* e a *neurótica*, questionando a sua função adaptativa. Afinal, se a *angústia realista* (*Realangst*) se desenvolve de modo descontrolado é porque nela há sempre um elemento patológico, algo não tão realista como se pretende, o que esfuma a nítida separação com relação à angústia neurótica (Laplanche, 1987). O segundo, retomando a crítica de Laplanche, busca algum outro sentido para a *angústia real* (*Realangst*) e o encontra no próprio texto freudiano distinguindo a “realidade empírica” (*Wirklichkeit*) e a “realidade originária e estruturante” (Rocha, 2000, p. 133-136).

Seguimos aqui a sugestão deste último. Onde buscar tal “realidade originária e estruturante”? Ao discutir os limites e obstáculos enfrentados pelo processo analítico, Freud, ao final de seu texto de 1937 sobre as possibilidades de uma análise bem-sucedida, aponta aquele que seria o ponto de apoio mais profundo da resistência à cura. Após a travessia de todos os estratos psicológicos, o processo analítico se choca com aquilo por ele denominado como “rochedo de base” (*Gewach-*

sene Fels), tomando esta imagem de solidez como expressão da castração (Freud, 1937/1999d, p. 99; Rocha, 2000). No pequeno manuscrito inconcluso sobre a *cisão do Eu*, ao refletir sobre “a realidade do perigo de castração”, Freud observa como dele resulta “o desmentido da realidade” (*Die realität verleugnet*). Tal “estranhamento”, ou alienação da realidade, que seria um processo característico da psicose, pode ser obtido através do mecanismo da regressão para a fase oral diante da angústia de ser devorado pelo pai. Aqui, o mito de Cronos, devorador de seus próprios filhos é mencionado, e tal evocação, considerando a evidente associação de Cronos com o tempo, parece indicar tratar-se não de um acontecimento pontual, e sim do tempo como estrutura mesma da finitude humana. No início do texto, há uma passagem de grande relevância que merece ser citada. A contradição entre a “reivindicação da pulsão” em seu imperativo de satisfação e a “objeção da realidade” em sua interdição da satisfação desencadeia um conflito incontornável cuja solução cobra um pesado tributo. Afinal, diz ele:

como se sabe, somente a morte é gratuita. O resultado [do conflito] foi alcançado ao custo de um dilaceramento do Eu que jamais se cicatrizará, mas se ampliará com o tempo. As duas reações contrapostas diante do conflito subsistirão como núcleo de uma cisão do Eu (Freud, 1938[1940]/1999e, p. 60).

Ao modo de conclusão

Como já foi enfatizado neste texto, não lemos Freud como se pudéssemos seguir a par e passo a escritura de suas descobertas e elaborações conceituais. O lemos no *a posteriori* de muitas outras leituras e divergentes interpretações. Assim, tivemos a intenção de mostrar, na terceira parte de nosso texto, como a angústia, na multiplicidade de suas manifestações, encontra o seu fundamento último na pulsão de morte.

Mas que tipo de fundamento é este? Dir-se-ia de modo paradoxal que não é uma base firme na qual se apoiaria todo o edifício psicanalítico. Ao contrário, a pulsão de morte sinaliza para o infundado da linguagem, não tendo sido introduzida abruptamente por Freud como uma especulação arbitrária. Ela foi postulada após um longo percurso teórico, o qual foi trilhado no lento empenho de mostrar como o sexual não pode ser inteiramente inscrito na imanência do corpo, pois somente se expõe na linguagem. Esta desvela o que se “ex-põe” e ao mesmo tempo o encobre, ou seja, este algo se põe como um “fora” (*ex*); como o exterior ao circuito representacional do sujeito. O sujeito não possui o pleno domínio daquilo que lhe advém e, se assim é, se algo escapa ao sujeito, então podemos atribuir esta proveniência colocando-a do lado do objeto. De qual objeto? Imediatamente podemos pensar tratar-se das entidades naturais tomadas como objetos das ciências da natureza. Assim, o corpo seria uma entidade natural estudada pela biologia e a psicanálise freudiana encontraria ao final de sua investigação o seu fundamento biológico.

Obviamente não é essa a direção da interpretação apresentada neste texto. O fundamento infundado que se desvela e se oculta na linguagem e é atestado pela angústia não é uma entidade da natureza como o corpo biológico. Está do lado do objeto como daquilo nomeado por Lacan como *pequeno a*. Ou, como ele diz, “do objeto que chamo ‘pequeno a’, pelo efeito de angústia provocado pelo esvaziamento com que nosso discurso o produz, por faltar à sua produção” (Lacan, 1970/2003, p. 401). Numa outra passagem, um pouco à frente da anteriormente citada, lemos o seguinte:

Foi Freud quem nos revelou a incidência de um saber tal que, ao se subtrair à consciência, nem por isso deixa de se denotar estruturado, digo eu, como uma linguagem; mas, articulado a partir de onde? Talvez de parte alguma em que seja articulável, já que é apenas um ponto de falta, impensável de outra maneira que não através dos efeitos pelos quais é marcado (Lacan, 1970/2003, p. 411).

O salto na exposição, ao passarmos na primeira parte do texto de um artigo inicial de Freud sobre a neurose de angústia para uma citação lacaniana bem mais tardia, não teve outro objetivo senão indicar como uma compreensão não reducionista da angústia se abre para uma problemática muitíssimo complexa. A angústia em sua sintomatologia mais evidente seria a manifestação direta da excitação somática e enquanto tal pertenceria à ordem do *quantum*, da quantidade pura. Isto pode suscitar a tentação do naturalismo e a pretensão de apoiarmos a psicanálise na biologia. Não foi este o rumo de nossa interpretação. A psicanálise não precisa abandonar o domínio do humano para desaguar nas ciências da natureza. Ao contrário, a angústia parece testemunhar como justamente “dentro” do humano irrompe algo de “impensável”, de “excesso inassimilável” e o faz reconhecendo nas contradições da cultura e nos destinos da subjetividade “os diferentes modos como o verdadeiro cerne [*das Ding, objet petit a*] que [se] apresenta [como] um obstáculo irreduzível ao movimento da simbolização” (Zizek, 2017, p. 121).

Referências

- Campos, E. B. V. (2004). A primeira concepção freudiana de angústia: uma revisão crítica. *Ágora*, 7(1), 87-104. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982004000100006>
- Freud, S. (1992). Manuscrito G: Melancolia. In S. Freud. *Obras completas*. (pp. 239-246). Amorrortu Editores. (Original publicado em 1895)
- Freud, S. (1999a). Angst und Tribleben. In S. Freud. *Gesammelte Werke*. (Bd. XV). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. (Original publicado em 1933)
- Freud, S. (1999b). Das Unheimliche. In S. Freud. *Gesammelte Werke*. (Bd. XII). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. (Original publicado em 1917)

1919)

- Freud, S. (1999c). Die Abwehr-neurose. In S. Freud. *Gesammelte Werke*. (Bd. I). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. (Original publicado em 1894)
- Freud, S. (1999d). Die endliche und die unendliche Analyse. In S. Freud. *Gesammelte Werke*. (Bd. XVI). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. (Original publicado em 1937)
- Freud, S. (1999e). Die Ichspaltung im Abwehrvorgang. In S. Freud. *Gesammelte Werke*. (Bd. XVI). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. (Original publicado em 1938[1940])
- Freud, S. (1999f). Die Verdrängung. In S. Freud. *Gesammelte Werke*. (Bd. X). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. (Original publicado em 1915)
- Freud, S. (1999g). Hemmung, Symptom und Angst. In S. Freud. *Gesammelte Werke*. (Bd. XIV). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. (Original publicado em 1926)
- Freud, S. (1999h). Vorlesung. Die Angst. In S. Freud. *Gesammelte Werke*. (Bd. XI). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. (Original publicado em 1917)
- Freud, S. (1999i). Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung. In S. Freud. *Gesammelte Werke*. (Bd. X). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. (Original publicado em 1914)
- Freud, S. (1999j). Über die Berechtigung von der Neurasthenie einen bestimmten Symptomenkomplex als "Angst-neurose" abzutrennen. In S. Freud. *Gesammelte Werke*. (Bd. I). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. (Original publicado em 1895).
- Freud, S. (1999k). Zur Kritik der "Angstneurose". In S. Freud. *Gesammelte Werke*. (Bd. I). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. (Original publicado em 1895)
- Freud, S. (1992). Manuscrito E: Como se genera la angustia? In S. Freud. *Obras completas*. (pp. 228-234). Amorrortu Editores. (Original publicado em 1894)
- Green, A. (1982). *O discurso vivo: uma teoria psicanalítica do afeto*. Francisco Alves.
- Kierkegaard, S. (2011). *O conceito de angústia*. Editora Vozes. (Original publicado em 1844)

- Lacan, J. (1966a). Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique. In J. Lacan. *Écrits* (pp. 93-100). Éditions du Seuil. (Original publicado em 1949)
- Lacan, J. (1966b). Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien. In J. Lacan. *Écrits* (pp. 793-827). Éditions du Seuil. (Original publicado em 1960)
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 8: A transferência*. Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1960-61)
- Lacan, J. (2003). Radiofonia. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 400-447). Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1970)
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: A angústia*. Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1962-63)
- Laplanche, J. (1985). *Vida e morte em psicanálise*. Artes Médicas.
- Laplanche, J. (1987). *Problemáticas I: a angústia*. Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1992). *Problemáticas IV: o inconsciente e o Id*. Martins Fontes.
- Rocha, Z. (2000). *Os destinos da angústia na psicanálise freudiana*. Escuta.
- Strachey, J. (1993). Nota. In S. Freud. *Conferências de introducción al psicoanálisis. Obras completas* (Vol. XV, Partes I-II, pp. 3-8). Amorrortu Editores.
- Strachey, J. (1992). Introducción. Nota. In S. Freud. *Inhibición, sintoma y angustia. Obras completas* (Vol. XX, pp. 73-82). Amorrortu Editores.
- Zizek, S. (2017). *Interrogando o real*. Autêntica Editora.

Nota sobre o autor e a autora:

Jacqueline de Oliveira Moreira é doutora em Psicologia Clínica (PUC-SP), mestre em filosofia pela UFMG e professora do programa de pós-graduação em Psicologia da PUC Minas. É psicanalista e membro do GT "Psicanálise, Política e Clínica" da ANPEPP. E-mail: jackdrawin@yahoo.com.br

Carlos Roberto Drawin é professor titular na Faculdade de Filosofia e Teologia Jesuíta (FAJE) e professor Aposentado do departamento de Filosofia da UFMG. Doutor e Mestre em Filosofia pela UFMG. E-mail: carlosdrawin@yahoo.com.br

Data de submissão: 25.01.2023

Data de aceite: 20.11.2023